

O registro audiovisual da cultura popular: a festa de Nossa Senhora dos Navegantes¹

Autor: Oswaldo Giovannini Junior (UFPB/Brasil)

Resumo:

Este trabalho é parte de um projeto em andamento que pretende realizar uma pesquisa em torno da festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Trata-se de uma festa popular tradicional que celebra a santa padroeira da comunidade de Coqueirinho, aldeia indígena Potiguara, pertencente ao município de Marcação/Litoral Norte da Paraíba. A festa envolve romeiros, turistas e comerciantes oriundos de diversas cidades da região do Vale do Mamanguape e de outras cidades do estado e dos estados vizinhos, perfazendo milhares de pessoas de diversas origens sociais e culturais. A festa tem como evento culminante uma procissão marítima, fluvial e terrestre que sai de Coqueirinho e segue em direção a Barra de Mamanguape, município de Rio Tinto. Ocorre no segundo ou terceiro domingo de dezembro, dependendo da fase da maré e é organizada principalmente por pescadores e zeladores das capelas das cidades envolvidas diretamente: Baía da Traição, Rio Tinto e Marcação. A festa tem característica polifônica (BAKHITIN, 1987) e polissêmica (TURNER, 2005), perfazendo uma grande “arena de disputas” (STEIL, 1996) onde cada pessoa ou grupo se relaciona com o evento e com o sagrado e a paisagem de praia e beira de rio de modo diferenciado evidenciando uma grande diversidade de sentidos, por vezes complementares, por vezes conflitantes. Tal diversidade de sentidos é notado na forma como os envolvidos se comportam, como se postam corporalmente no ambiente e diante das imagens das santas, nos cortejos e nas situações festivas diversas, realçando de um lado a devoção com intensa experiência do sagrado e de outro a efervescência profana com intenso consumo de bebidas alcólicas, dando à festa um caráter dionisíaco (PEREZ, 2017). O projeto tem como objetivo, sob aporte da antropologia visual, realizar um registro etnográfico audiovisual da festa, procurando abarcar a diversidade de sentidos e personagens através de entrevistas com os principais produtores e através do

¹ Trabalho apresentado na 31ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

registro da festa em ato, compondo o cenário de pessoas e paisagens. Tais registros audiovisuais formarão um banco de imagens, a que chamamos de esboços (FRANCE, 1998), que serão assistidos posteriormente para análise juntamente com as pessoas filmadas, orientando assim a descrição e análise do evento social, realizando o que compreendemos como “antropologia compartilhada” (ROUCH, 2011). A festa e o ritual constituíram ao longo da história da ciência antropológica, como um significativo campo de pesquisa, tendo em sua produção e movimentação simbólica, uma fonte expressiva da vivência social e cultural dos grupos que a vivenciam. A festa é o momento em que a sociedade se reúne de forma extraordinária e se expressa (DURKHEIM, 1989).

Palavras chave: Festa, antropologia visual, cultura popular

1- Introdução:

Festas e tradições populares no Brasil tem sido alvo de pesquisas desde viajantes e cronistas do século XIX, desde o livro homônimo de Melo Moraes Filho², passando pelo Movimento Folclórico Brasileiro e pela institucionalização do Patrimônio Imaterial. Sobre tais festas e tradições no Vale do Rio Mamanguape, região do Litoral Norte da Paraíba, os registros foram tímidos ao longo da história da antropologia paraibana. As pesquisas da “Missão Folclórica” de Mário de Andrade passaram por Baía da Traição registrando o “Coco” ou “Toré”, algumas pesquisas foram feitas pelos folcloristas em torno da Marujada de Mamanguape, mas existe uma lacuna, especialmente da antropologia fílmica, em torno do registro destas manifestações culturais na contemporaneidade e de seus significados para a sociedade regional. Ao passo que tais eventos culturais são de grande assédio popular e de profundos significados sociais e simbólicos, mobilizam pessoas, recursos e causam disposições simbólicas, sociais e políticas.

A história da relação entre registro audiovisual e ritos e saberes da cultura popular é longa. Desde os primeiros filmes realizados no Brasil pela Missão de

² “Festas e tradições populares no Brasil” foi publicado originalmente em 1895. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/1061>

Pesquisas Folclóricas³, passando pelos filmes de Humberto Mauro e seu trabalho no Instituto Nacional de Cinema e Educação (Ince)⁴. Dos curtas que a Caravana Farkas⁵ realizou pelo Nordeste até os documentaristas paraibanos dos anos 1980, já formados pela escola Varán, criada por Jean Rouch, passando pelo clássico *Aruanda*, filmado no sertão de paraibano (1960), de Linduarte Noronha⁶. Esta pesquisa pretende contribuir para esta história realizando uma reflexão sobre métodos e construção de conhecimentos sobre a cultura popular brasileira realizados através do registro de sons e imagens. A pergunta geral balizada por esta pesquisa é: como fazer filmes etnográficos sobre a cultura popular, sobre as festas tradicionais brasileiras e mais especificamente sobre as festas tradicionais populares do Vale do Mamanguape/PB? Pretende contribuir para pensar, sob a luz de uma reflexão antropológica, sobre experiências contemporâneas em torno do registro fílmico enquanto prática com longa história e profunda penetração nas relações sociais, políticas e culturais dos dias de hoje, trazendo reflexões provenientes da Antropologia Visual e problematizando o registro das festas tradicionais, tendo como foco específico a festa de Nossa Senhora dos Navegantes.

Nossa Senhora dos Navegantes é padroeira da aldeia potiguara de Coqueirinho, município de Marcação, cuja festa acontece anualmente no mês de dezembro, no segundo ou terceiro final de semana do mês, tendo como ápice uma procissão marítima, fluvial e terrestre realizada no domingo. A data do evento é definida pelos pescadores das colônias de Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto a partir da observação do fluxo da maré pois, para que a procissão marítimo-fluvial possa ter sucesso, o dia e horários devem seguir a altura do nível das águas do mar que adentram o rio Mamanguape na boca da barra. Sua capela foi construída a mais de um século e é de lá que se inicia a celebração e de onde sai a imagem em cortejo de barco até a comunidade de Barra de

³ Em 1938 foi organizada por Mário de Andrade, então à frente do Departamento de Cultura de São Paulo, uma expedição pelo Nordeste e pelo Norte do Brasil com a finalidade de registrar em gravações de áudio e vídeo manifestações do folclore. Para mais informações acesse: <http://www.centrocultural.sp.gov.br/Colecoes_Missao_de_Pesquisa_Folclorica.html>

⁴ Humberto Mauro foi um importante cineasta brasileiro, realizando filmes entre os anos de 1925 e 1974. Entre os anos 1936 e 1974 foi diretor do Instituto Nacional de Cinema e Educação (Ince), realizando centenas de documentários educativos.

⁵ Projeto liderado pelo empresário Thomaz Farkas que realizou diversos filmes sobre a cultura popular no nordeste brasileiro em 1968. Ver FREIRE, 2009.

⁶ Sobre o documentarismo na Paraíba, acesse: <<https://goo.gl/KWStet>>

Mamanguape, Rio Tinto. Chegando lá, a imagem se encontra com a padroeira local, Santana (mãe de Nossa Senhora, de acordo com a mitologia católica) para realizar uma procissão terrestre e finalizar com o retorno da primeira à capela de origem. Como diz Seu Eufrázio, pescador e organizador da festa em Barra de Mamanguape: “a filha faz uma peregrinação para visitar a mãe”⁷.

A festa parece congrega, através da simbologia do encontro entre mãe e filha, pessoas de grande parte do Vale do Mamanguape envolvendo especialmente moradores e pescadores com suas embarcações dos municípios próximos: Baía da Traição, Rio Tinto e Marcação, mas também de Mamanguape, Itapororoca, Sapé, Capim, Cuité, Araçagi. Recebe ainda um afluxo grande, em forma de romaria, de pessoas provenientes de muitas outras localidades, perfazendo um montante de milhares de viajantes: João Pessoa, Lucena, Mataraca, Conde, Recife, Olinda e muitas outras cidades do interior do estado e de estados vizinhos. Além das centenas de barcos, sempre cheios de gente, saindo de Baía da Traição, Rio Tinto e principalmente junto com a procissão saída de Coqueirinho, muitos romeiros se encaminham de ônibus, carros particulares, motos e cavalos.

Dentre os tipos sociais que frequentam a festa podemos observar muitos fiéis que participam do cortejo pagando promessas, louvando por graças alcançadas, fazendo pedidos, ou simplesmente em oração às duas santas de devoção. A evocação religiosa faz-se como motivo principal do evento e a busca pela graça na relação de reciprocidade com as santas provoca a disposição para o sagrado⁸. Entretanto, a motivação religiosa tradicional⁹ não é a única, o lazer, a diversão e a sociabilidade também são disposições que impulsionam o deslocamento de boa parte dos viajantes e romeiros, fazendo da festa um misto de turismo e religião¹⁰. A festa também se realiza pelo extravasamento e se manifesta de forma dionisíaca¹¹, nas poucas horas de maré favorável, cerca de umas 6 horas aproximadamente, com uma profusão de alegria, fé, amor e

⁷ Entrevista concedida em 2016.

⁸ Sobre a teoria da reciprocidade ver MAUSS, 1974. Sobre as relações de reciprocidade entre homens e deuses na experiência religiosa popular ver BRANDÃO, 2007.

⁹ Sobre ação social com motivação tradicional ver WEBER, 1992

¹⁰ A literatura sobre turismo religioso é vasta. Uma boa referência sobre a confluência entre religião e turismo na sociedade contemporânea é ABUMANSUR, 2003.

¹¹ PEREZ, 2017

brincadeiras, músicas variadas, consumo de comidas e bebidas alcoólicas. Portanto, o comércio também é forte e tal acúmulo de pessoas leva também ao afluxo de muitos pequenos comerciantes que montam suas barracas improvisadas próximas à praia para vender comidas e bebidas variadas.

A festa de Nossa Senhora dos Navegantes acontece em meio a uma grande multiplicidade de sentidos, do sagrado ao profano, do lazer ao religioso, da romaria ao turismo de praia, fazendo dela um evento polissêmico, apresentando múltiplos significados¹². Tais sentidos são evocados por muitas vozes vindas de devotos, turistas, ongs, instituições (prefeitura, hospedarias, igreja, ICMbio, comércio), uns mais fervorosos, outros apenas se divertindo, enquanto outros fazendo ambas as coisas, dando à festa uma característica de polifonia¹³. Encontros e desencontros podem ser observados durante a festa por causa desta diversidade de pessoas, significados e comportamentos, alguns deles contraditórios e conflitantes. Familiares e amigos formam pequenos grupos ao longo da praia fazendo churrasco e bebendo cerveja, jovens ouvem funk ou forró elétrico com letras eróticas e provocadoras emitidas por sonorização automotiva, com verdadeiros “paredões” de som instalados em porta-malas de carros. Grupos de motoqueiros com motos barulhentas, cavalos, viaturas de polícia com sirenes iluminadas que parecem vibrar ao som dos “pancadões”¹⁴, ao mesmo tempo em que as imagens carregados nos andores tentam atravessar a multidão efusiva composta por banhistas. Ao lado da santa muitos querem se postar para fotos, uns com roupas recatadas, outros com sungas e biquínis. Enquanto uns choram pela emoção da fé, outros disputam as rosas dos enfeites, quase levando a imagem da santa ao chão. Políticos da região também se fazem presentes para carregar o andor e posarem para fotos, enquanto ébrios, carregando latinhas de cerveja, caminham lado a lado com a santa. Nesse emaranhado, os organizadores religiosos, leigos e padres, se esforçam para manter o sentido religioso e a organização do cortejo e das celebrações com bênçãos e missas.

¹² TURNER, 2005

¹³ BAKHTIN, 1987.

¹⁴ Pancadão é o nome que dão aos sons de fortes volumes que saem das caixas de som instalados nos carros.

Segundo Carlos Steil¹⁵ tais festas populares são verdadeiras “arenas de disputas”, entre grupos, ongs, instituições, comerciantes, famílias, etc., mas estas disputas também são internalizadas pelas pessoas, são subjetivadas e os sentidos das caminhadas, romarias, viagens, procissões, cortejos polissêmicos e polifônicos são vividos em fluidez dentro dos próprios sujeitos e entre eles. Enfim, a experiência da viagem, do lazer e do sagrado são vividos como encontro de corporeidades¹⁶. As ambivalências, disputas e encontros são subjetivadas nos corpos: é o corpo que viaja, é o corpo que se posta, nu, vestido, dançando, tocando uns aos outros, comendo, bebendo, chorando, sorrindo e rezando. O corpo destas pessoas deve ser percebido como o lugar de interação entre as pessoas e o sagrado e delas entre si. Pela perspectiva da corporeidade de Thomas Csordas¹⁷, “o corpo deixa de ser matéria inerte ante o espetáculo da cultura e passa a ser síntese das situações vividas pelos sujeitos”. (STEIL, 2011:36). Justamente esses corpos é que serão filmados pelo filme etnográfico, investigados pela antropologia fílmica, tal como propõe Claudine de France¹⁸, uma vez que a fé, a graça, a diversão, os significados não podem ser registrados pela câmera por serem etéreos, a não ser pelos corpos nos quais manifestam.

Estes corpos de sujeitos imersos na fé popular e no lazer de praia, na romaria e no turismo só podem ser pensados imersos e numa relação de interdependência com uma paisagem, porque tudo o que acontece com os seres humanos acontece dentro de um ambiente repleto de objetos e seres não humanos, a água, o sol, os caranguejos, as tartarugas, os peixe-boi, os pássaros, os insetos, a maré¹⁹. Acrescenta-se ao acontecimento o fato de ser a região de Barra de Mamanguape uma Área de Proteção Ambiental pela ocorrência principalmente do peixe-boi e de outros animais marinhos. A proposta é observar os sujeitos com seus corpos dentro de uma paisagem, natural e tradicional, a qual deverá ser vista “...como elemento ativo na conformação da experiência vivida pelos peregrinos.” (STEIL, 2011:24). Afinal, é o fluxo das águas da maré que determina a temporalidade e a espacialidade da festa e,

¹⁵ STEIL, 1996.

¹⁶ STEIL, 2011.

¹⁷ CSORDAS, 2008

¹⁸ FRANCE, 1998

¹⁹ Para uma antropologia da paisagem ver HIRSCH e O'HANLON, 1995.

nessa paisagem, são os corpos das pessoas que se postam, devotamente ou anarquicamente, diante da santa e dos outros corpos e sujeitos que encontram nos caminhos que percorrem, pelas águas e pelas areias da praia.

Diversos desafios se apresentam ao pesquisador nesse emaranhado de disposições sociais e simbólicas. A diversidade de pessoas, comportamentos e significados parecem estruturar o evento ao mesmo tempo que parece querer dilacerá-lo, a tradição de longa duração secular parece querer manter-se firme ao mesmo tempo que se transforma pela própria ação dinâmica da cultura e da sociedade que lhe dá plausibilidade²⁰. Além do desafio de compreender os sentidos variados presentes na festa e suas dinâmicas, o etnógrafo que trabalha com imagens precisa registrar a polifonia ao mesmo tempo que respeitar eticamente a diversidade de visões diferenciadas na construção do evento e dos sentidos. A investigação de tais fenômenos sociais através do registro de imagens é um caminho importante para a compreensão das relações sociais da região. Festas e rituais, dentro da literatura antropológica e sociológica²¹ têm sido destacados pela capacidade de expressarem, através de seus aspectos simbólicos, vivências sociais fundamentais dos grupos que os produzem. Portanto, pesquisar a festa²² é pesquisar relações sociais, políticas e econômicas, é buscar compreender suas dinâmicas e diversidades, assim como os conflitos presentes nos grupos sociais.

Na relação entre ensino, pesquisa e extensão, almejada pela universidade e possibilitada pela convivência acadêmica, tem-se procurado realizar, no curso de Antropologia do Campus IV e no grupo de pesquisas Avaedoc, tendo como aporte o Laboratório de Antropologia Visual Arandu, breves etnografias visuais. Pequenas experiências de campo junto com alunos de graduação, realizando pesquisas e ações com pessoas e comunidades, tendo como instrumento primordial o registro fílmico, próximo àquilo que Claudine de France (1998) chama de pesquisa fílmica, ou antropologia fílmica. Etnografias fílmicas sobre festas têm sido realizadas pelos estudantes no bacharelado em Antropologia

²⁰ BERGER, 2004

²¹ DURKHEIM, 1989, DUVIGNAUD, 1983, TURNER, 2005, BERGER, 2004 entre outros.

²² Lea Perez defende inclusive uma antropologia da festa, ver PEREZ, AMARAL e MESQUITA, 2012.

Visual, como parte das atividades de disciplinas do curso e como atividades de projetos de extensão.

Ao longo dos últimos três anos foram desenvolvidos 24 microdocumentários sobre a cultura popular da região. No entroncamento do tripé da universidade, ensino-pesquisa-extensão, tem sido confeccionado um “mapa da cultura popular” do Vale do Mamanguape. Um panorama que se configura no sentido de uma videocartografia da cultura popular. As atividades do grupo Avaedoc tem contribuindo para a história do registro audiovisual da cultura popular na Paraíba. Tal projeto de pesquisa se justifica, então, pela contribuição que poderá oferecer ao crescimento e solidificação do trabalho que tem sido desenvolvido até o momento nas atividades de ensino e de extensão. Haja visto também o fato que diversos Trabalhos de Conclusão de Curso têm sido desenvolvidos nessa linha de pesquisa.

Para além de um acervo que compõe as coleções do Laboratório Arandu, os filmes são experiências etnográficas que fazem emergir questões antropológicas relevantes. Um dos filmes produzidos em disciplina em 2015 foi “Sagrado e profano” (com duração de três minutos) sobre a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes. O dilema desse filme que pretendia mostrar as relações de oposição e confluência entre o sagrado e o profano era: até onde posso ir com as imagens das pessoas, dos corpos das pessoas, especialmente diante de situações polêmicas e muitas vezes de exposição e exageros? Encontra-se em foco a questão antropológica da relação entre devoção e extravasamento, ambos presentes nas festas populares da região. Desde esta época a festa tem estimulado pequenas incursões a campo, de professores e alunos, além de discussões e reflexões no grupo de estudos, percorrendo um longo caminho até a formulação deste projeto de pesquisa.

2- Objetivos da pesquisa:

Na história da antropologia brasileira, além dos estudos sobre negros e índios, um dos temas fortes abordados foi e ainda é o estudo de rituais e festas

populares²³. Mais recentemente, tanto antropólogos quanto ações e conceitos do patrimônio cultural, que hoje se ampliaram²⁴, intensificaram os interesses pelo tema da cultura popular no “registro do patrimônio”. Ambos têm voltado suas atenções para os folguedos e festas populares, ou saberes populares, implícita ou explicitamente influenciados por um processo epistemológico histórico de confluências e debates entre folcloristas, antropólogos e patrimônio cultural. Dessa forma, as pesquisas e ações contemporâneas em torno do Patrimônio Cultural Imaterial guardam ressonâncias²⁵ de uma longa história de pesquisas em torno da compreensão e do registro das culturas populares e das festas tradicionais brasileiras.

Uma das questões principais que motiva esta pesquisa está no “sentido do registro”²⁶. Não importa apenas registrar as manifestações tradicionais populares, mas importa refletir sobre o próprio fazer antropológico do registro, ou seja: por quê, para quem e como devemos fazer o registro etnográfico e fílmico das festas tradicionais populares brasileiras?

Pretende-se, nessa pesquisa, problematizar o registro em imagens desses eventos observando especificamente o caso da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, em torno da qual realizar-se-á uma pesquisa fílmica. Tal investigação contribui para registrar a festa e as narrativas sobre ela em imagens e para pensar sobre que tipo de filme etnográfico deve ser produzido sobre os fazeres da cultura popular na região do Vale do Mamanguape. Registros brutos (*records*), filmes educativos, filmes de pesquisa, longas, curtas ou microdocumentários, narrações colaborativas e compartilhadas, filmes de exposição? São diversos formatos e usos possíveis sobre os quais é necessário refletir e que estão ligados diretamente a preceitos e conceitos epistemológicos e metodológicos, mas também políticos que remetem às questões da autoridade etnográfica²⁷.

A experiência etnográfica deve ser pensada dentro de um contexto de relações sociais e políticas que marcam a ação do registro. A antropologia

²³ MELATTI, 2013

²⁴ FONSECA, 2009

²⁵ GREENBLATT, 1991

²⁶ GIOVANNINI JR, 2012

²⁷ Clifford

contemporânea tem buscado estabelecer, nesse processo de coleta de dados, reflexão e escritura, uma horizontalidade, uma simetria²⁸ entre as pesquisas acadêmicas, a sociedade pesquisada e a sociedade mais ampla. Uma antropologia contemporânea que cobra do pesquisador a devolução de dados, a horizontalidade de saberes, a democratização de informação, o diálogo e o compartilhamento, inseridos em uma conjuntura polifônica em que não é exclusividade do antropólogo a elaboração do discurso, de uma narrativa sobre o outro.

A questão do sagrado e profano que emerge da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, as polifonias e polissemias se atualiza e toma contornos desafiadores. As perguntas que emergem da festa giram em torno da seguinte questão: quais imagens devem ser feitas da festa? De suas contradições, conflitos e tensões ou de seus momentos contritos e devotos? Como explorar fílmica e etnograficamente as várias falas (os discursos, as performances, os corpos, os sentidos) presentes no evento e os vários usos do espaço e da paisagem? Que imagens os devotos, zeladores da igreja, padre, pagadores de promessa etc., querem que sejam registradas para a posteridade do momento em que estão vivendo sua fé? Mas e o funk, o paredão, a bebedeira, as pessoas de roupas de banho na praia tirando foto com a santa, os bêbados querendo carregar o andor, as latinhas jogadas nas águas do estuário? Ou os vendedores ambulantes e sua pouca higiene, os políticos e a prefeitura, os barqueiros, os índios potiguaras, os visitantes de longe? Uma profusão de personagens, cada qual vivendo a relação com a santa ou com a festa e a natureza, o rio, o mar, o mangue, à sua maneira, criando uma babel multivocal, poliglota, polifônica. A pergunta “como filmar a festa?” torna-se sociologicamente relevante, pois problematiza um universo diverso e complexo de experiências sociais e culturais, no qual o filmador/pesquisador está incluído nele e provocando relações.

Os objetivos, então, desta pesquisa, giram em torno do desafio de registrar etnograficamente através da antropologia visual os vários sentidos e as várias vivências presentes na festa através do modo como as pessoas se comportam e se relacionam, com seus corpos e suas subjetividades, durante o

²⁸ LATOUR, 1994

evento, inseridos dentro de uma paisagem de praia, na barra do rio Mamanguape. Por outro lado, tratam também de como fazer o registro, projetando os pesquisadores numa experiência marcada pela interlocução com os sujeitos pesquisados. Enfim, a pesquisa fílmica proposta não visa a elaboração de um documentário, mas da formação de um acervo a ser depositado no Laboratório Arandu que contribua para estudos, através da “observação diferida”²⁹, sobre a festa tradicional, sobre as narrativas em torno dela e sobre como as pessoas envolvidas observam a si mesmas e as outras com as quais se relacionam durante o evento. Tais registros poderão vir a compor um filme etnográfico em desdobramentos futuros da pesquisa, perfazendo neste primeiro momento da pesquisa, o que Claudine de France chamou de “esboços”, ou seja, pequenos registros fílmicos que não compõem um filme, mas que podem contribuir para o planejamento de um documentário no futuro.

3- Procedimentos metodológicos da pesquisa:

“Registro etnográfico audiovisual”, “antropologia compartilhada”, a “observação diferida” e a “teoria dos esboços” compõem o quadro metodológico pelo qual pretende ser guiada a pesquisa sobre a festa de Nossa Senhora dos Navegantes.

Muitos equívocos epistemológicos, deslizos éticos e incômodos têm origem na dissonância entre quem filma e quem é filmado, a qual só pode ser desfeita com a construção de “relações dialógicas”³⁰. É necessário ter em mente que o registro etnográfico³¹ e em imagens marca as pessoas e seus destinos, sendo importante renovar as metodologias de aproximação e elaboração de imagens com os interlocutores e personagens da pesquisa. Tal renovação depende de um deslocamento social: os antigos objetos pesquisa tornaram-se sujeitos e o “outro” da antropologia, anterior à crítica pós-colonialista, tornou-se

²⁹ Observação diferida é, segundo Claudine de France, a observação das imagens após o registro do evento para análise dos acontecimentos e melhor compreensão da situação social (FRANCE, 1998)

³⁰ WAGNER, 2012

³¹ Sobre etnografia existe uma vasta bibliografia na antropologia. Sugiro como referência BRANDÃO, 2007

parceiro, o personagem tornou-se “coautor”³² e as fronteiras foram borradas. Assim, a via metodológica escolhida é a do esforço por um trabalho dialógico e compartilhado. A antropologia visual, ao longo de sua história vem constituindo embasamento para contribuir com esse registro etnográfico partilhado e dialógico, da cultura popular. Segundo Marco Antônio Gonçalves (2008) a antropologia contemporânea tem uma forte afinidade com a “cine-antropologia compartilhada” de Jean Rouch:

o antropólogo não é mais o entomologista observando o outro como um inseto (negando-o) mas um estimulador de conhecimento mútuo (e logo de dignidade).

É uma busca de participação total, por mais idealista que seja, me parece atualmente moralmente e cientificamente a única atitude possível para um antropólogo (ROUCH, 2011, p. 15).

Claudine de France, no seu livro *Cinema e antropologia*, elabora um tratado sobre metodologias e linguagens na elaboração de pesquisas fílmicas, fazendo avançar na metodologia proposta por Rouch. A “teoria dos esboços”, propõe um método composto por três fases: o registro fílmico do evento durante a pesquisa etnográfica, a observação dessas filmagens junto com os principais protagonistas e a realização de novas filmagens a partir do diálogo com eles. Os esboços não compõem em si um documentário acabado, formam um conjunto de imagens que compõem um acervo, é um método de construção de um conhecimento sobre o evento que poderá contribuir no futuro para a construção de um documentário. Segue ainda a “observação diferida”, ou seja, a análise das imagens sob a luz da teoria antropológica, a qual permite uma segunda observação dos fatos fora do contexto propriamente dito da pesquisa de campo. À estes recursos soma-se a “vídeo elicitación”³³ que consiste em assistir às imagens junto daqueles protagonistas filmados motivando conversas elucidativas sobre os eventos registrados. Assim, paulatinamente e de forma

³² GEERTZ, 1998

³³ BANKS, 2009

compartilhada com os sujeitos da pesquisa, pode-se construir ao longo do tempo descrições e narrativas dos eventos com mais ética, segurança e profundidade epistemológica. Tal procedimento, além de demorado é bastante complexo e exige um esforço a mais de quem registra a cultura, mas permite aprofundamentos e uma dinâmica participativa ampliada.

Outro autor que interessa trazer para inspirar tais pretensões metodológicas é David Macdougall e seu cinema transcultural (MACDOUGALL, 1998). Não apenas as falas nativas são consideradas, mas uma intertextualidade é posta em ação na construção das narrativas. Uns e outros envolvidos (pesquisadores e pesquisados) trazem seus desejos e seus significados, as vontades das pessoas e as questões antropológicas são colocadas em jogo. Sua proposta acena na direção de negociações entre as diversas vozes em questão. Para garantir este diálogo intercultural pretende-se trabalhar com as falas nativas realizando entrevistas com os principais agentes da festa, fazendo transbordar suas narrativas, sejam da história da festa, sejam dos seus sentidos, transformações, encontros e desencontros.

Tal diálogo marca a metodologia desta pesquisa e a produção de imagens e conhecimento derivado de sua ação tanto será desenvolvida no sentido de contribuir para a estima dos sujeitos pesquisados como para compor a construção de um conhecimento que vem sendo elaborado pelo grupo de pesquisas Avaedoc.

Enfim, sobre as múltiplas vozes em jogo, é preciso considerar o quanto os pesquisadores, que não pertencem às comunidades, também fazem parte da cultura a qual emerge de modo especial quando chegam com seus cadernos de campo ou com suas câmeras. Também participam da construção da cultura, participam dela, posto que a cultura emerge das relações³⁴. Se a cultura popular, e especialmente as festas populares, é lugar de polifonia, participam os pesquisadores desta polifonia e, logo, fazem cultura popular, são também brincantes neste grande palco aberto da vida social.

³⁴ LANGDON, 2006

REFERÊNCIAS:

ABUMANSUR, Edin Sued. Turismo religioso. Ensaios antropológicos sobre religião e turismo. Campinas: Papirus, 2003.

AMORIM, Lara; LIMA, João de. **Cinema e memória**: o super-8 na Paraíba nos anos 1970 e 1980. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

ANDRADE, Mário de. **Danças dramáticas do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

ARUANDA. Direção de Linduarte Noronha. João Pessoa, 1960 (20 min).

ATHIAS, Renato. Aruanda. **Antropologia Virtual**, [S.l.], [20--]. Disponível em: <goo.gl/dF2mbQ>. Acesso em: 25 set. 2017.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabellais. Tradução Yara Frateshi Vieira. Brasília, DF, Editora da UNB; São Paulo: Hucitec, 1987.

BANKS, Markus. Dados visuais para pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo, Paulos, 2004.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna**: Europa, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BRANDÃO. Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**. Um estudo sobre religião popular. Uberlândia, Editora da UFU, 2007.

_____. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. Em: Sociedade e cultura. V 10, n 1, 2007.

CANDIDO, Antonio. Ressonâncias. Em:_____. **O albatroz e o chinês**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010.

CARNEIRO, Edison. A evolução dos estudos de folclore no Brasil. **Revista Brasileira de Folclore**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, maio/ago., 1962.

CAVALCANTI, Maria Laura et al. Os estudos de folclore no Brasil. Em: SEMINÁRIO FOLCLORE E CULTURA POPULAR, AS VÁRIAS FACES DE UM DEBATE. 1992, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular; Brasília, DF: Funarte, 1992.

CEZAR, Lilian Sagio. A arte de tornar o efêmero presente: reflexões sobre registros sonoros e imagéticos das festas brasileiras. Em: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 29., 2014, Natal. **Anais...** Natal: ABA, 2014.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Organização José Reginaldo Santos Gonçalves. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2011.

CSORDAS, Thomas. **Corpo, significado, cura**. Porto Alegre: URGs, 2008.

DURKEIM, Émile. **As Formas Elementares de Vida Religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. Tradução. Pereira Neto; revisão José Joaquim. – São Paulo; Ed.. Paulinas, 1989.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

FESTA do Rosário de Pombal. Direção e Produção de Jurandir Moura. João Pessoa: UFPB, 1967 (21 min).

FONSECA, Maria Cecília. **Patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009.

FRANCE, Claudine. **Cinema e antropologia**. Tradução Marcius Freyre. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

FREIRE, Marcius Soares. Caravana Farkas: uma experiência brasileira. **Revista Rumores**, São Paulo, v. 3, n. 6, 2009.

GERÔNCIO, Carla Priscila. **As louceiras de Santa Luzia** – PB: um estudo imagético do modo de fazer a louça entre as mulheres negras da Serra do Talhado. 2014. 64p. Monografia. CCAE/UFPB, Curso de Antropologia, João Pessoa, 2014.

GEERTZ, Clifford. O dilema do antropólogo entre o estar lá e o estar aqui. Em: **Cadernos de Campo**, v. 7, n 7, São Paulo: Edusp, 1998.

GIOVANNINI JUNIOR, Oswaldo. **Sortilégios do registro**. Aires da Mata Machado, os vissungos e os negros do garimpo em Minas Gerais. Tese, 2012 (Doutorado em Antropologia). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/UFRJ, 2012.

GONÇALVES, Marco Antônio. **O real imaginado**: etnografia, cinema e surrealismo em Jean Rouch. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.

GONÇALVES, José Reginaldo S. A etnografia como auto-retrato: espaço, tempo e subjetividade em Luís da Câmara Cascudo. Em: CONGRESSO INTERNACIONAL DA BRASA, 9., 2008, New Orleans. **Anais...** New Orleans: Brasa, 2008. Disponível em: <goo.gl/8U6EKK>. Acesso em: 25 set. 2017.

_____. **A Retórica da perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ; Brasília, DF: Iphan, 1996.

_____. Coleções, museus e teorias antropológicas: reflexões sobre o conhecimento etnográfico e visualidade. Em: **Cadernos de Antropologia e Imagem**, Rio de Janeiro, v. 8, 1999.

GREENBLATT, Stephen. O novo historicismo: ressonância e encantamento. **Revista de Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 1991. Disponível em: <goo.gl/2HtP4D>. Acesso em: 18 maio 2012.

HIRSCH, Eric e O'HANLON, Michael. *Anthropology of landscape*. Oxford University Press, 1995

LANGDON, Esther. Performance e sua diversidade como paradigma analítico: a contribuição da abordagem de Bauman e Briggs. **Revista de Antropologia Ilha**, Florianópolis, v. 8, n. 1 e 2, 2006.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LÉVI-STRAUSS, Dina. **Instruções práticas para pesquisas de Antropologia Física e Cultural**. São Paulo: Departamento Municipal de Cultura, 1936.

MACDOUGALL, David. **Transcultural cinema**. New Jersey: Princeton University Press, 1998.

MÁRIO de Andrade e os primeiros filmes etnográficos. Produção Luís Saia. São Paulo: Fundação Cinemateca Brasileira, Centro Cultural São Paulo, 1938 (26 min).

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dávida. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. Em: **Sociologia e Antropologia**. V II São Paulo Edusp, 1974.

MELATTI, Júlio César. **Antropologia no Brasil**: um roteiro. Em: <http://www.brasilcultura.com.br/antropologia/antropologia-no-brasil-um-roteiro>. acessado em 23/08/2013.

MONTE-MÓR, Patrícia. Descrevendo culturas: etnografia e cinema no Brasil. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, Rio de Janeiro, n. 1, 1995.

MORAES FILHO, Mello. **Festas e tradições populares do Brasil**. Brasília, Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

OS ROMEIROS da guia. Direção de João Ramiro Melo e Vladimir Carvalho. João Pessoa: Ince e Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba, 1962 (15 min).

PEREZ, Lea. Dionísio nos trópicos: festa religiosa e barroquização do mundo. Por uma antropologia das efervescências coletivas. **Comunidade Virtual de Antropologia**, [S.l.], v. 12. [200-]. Disponível em: <goo.gl/8WrmCy>. Acesso em: 25 set. 2017.

PEREZ Lea, AMARAL, Leila e MESQUITA, Wania (orgs). **Festa em perspectiva e como perspectiva**. Rio de Janeiro, Garamond, 2012.

ROUCH, Jean. A câmera e os homens. Em: COSTA, José Manoel; OLIVEIRA, Luis Miguel (Orgs.). **Jean Rouch**. Lisboa: Cinemateca Portuguesa; Museu do Cinema, 2011 [1979].

ROMERO, Silvio. **Estudos sobre a poesia popular no Brasil**. Rio de Janeiro: Typ Laemmert & C., 1888.

SAGRADO e profano. Lu Oliveira. Rio Tinto, UFPB, 2015 (3 min).

SANDRONI, Carlos. Notas sobre Mário de Andrade e a missão de pesquisas folclóricas de 1938. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, DF, v. 28, 1999. VILHENA, Rodolfo da Paixão. **Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro (1947-1964)**. Rio de Janeiro: Funarte; Fundação Getúlio Vargas, 1997.

STEIL, Carlos Alberto e CARNEIRO, Sandra Sá. **Caminhos de Santiago no Brasil: interfaces entre turismo e religião**. Rio de Janeiro: Contracapa, Faperj, 2011.

_____ **O sertão das romarias**. Um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.

TURNER, Victor. **Floresta de Símbolos**. Aspectos do ritual Ndembu. Niterói: Eduf, 2005.

VISÕES do mangue. Direção de Elisa Cabral. João Pessoa: 1982 (14min.).

WAGNER, Roy. A invenção da cultura. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

WEBER, Max. **Conceitos sociológicos fundamentais**. Metodologia das ciências sociais. Campinas, Editora Cortez/Unicamp, 1992.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.